CLIO
Revista do Centro de
História da Universidade
de Lisboa, 11, 2004,
pp. 213-228

Europa, História presente – historiografia e União

António Cordeiro Lopes*

«É preciso levar a bom termo o que está em vias de ser concluído com êxito para o carvão e o aço: os Estados Unidos da Europa.»
(Jean Monnet, 9-XI-1954)

«Se tivesse de voltar ao princípio, começaria pela cultura.»
(Confidência atribuída a Jean Monnet, c. 1976)

Em 18 de Julho de 2003, em nome da Convenção Europeia, Valéry Giscard d'Estaing apresentava ao Presidente do Conselho Europeu em exercício, Berlusconi, a versão final do *Projecto de Tratado que estabelece uma Constituição para a Europa*. Também em Roma, em 6 de Outubro de 2003, foram lançados os trabalhos da Conferência Intergovernamental, que se interromperam em Bruxelas, em 12 de Dezembro de 2003, com uma lacónica Declaração de adiamento para Março de 2004.

Para além da rotação semestral, prevista com muita antecedência no funcionamento da presidência comunitária, ou mesmo de alguma capacidade de comunicação do ultra-televisivo primeiro-ministro italiano, coincidiam a dimensão longa e a actualidade da União: como em 25 de Março de 1957, Roma podia ter sido Capital, onde se proclamavam solenemente os resultados produzidos, desde 18 de Fevereiro de 2002, noutra capital mais recentemente simbólica, Bruxelas.

* Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

O *Projecto de Tratado...* , «Inspirando-se nas heranças culturais, religiosas e humanistas da Europa», continha no seu Preâmbulo elementos de uma leitura interpretativa da sua história, milenar e cósmica [1] – «um continente portador de civilização», onde «os seus habitantes, chegados em vagas sucessivas desde os tempos mais remotos, aqui desenvolveram progressivamente os valores em que se funda o humanismo» –, da qual se deduz uma filosofia optimista – «Certos de que, "unida na diversidade", a Europa lhes oferece as melhores possibilidades de, respeitando os direitos de cada um e estando cientes das suas responsabilidades para com as gerações futuras e para com a Terra, prosseguir a grande aventura que faz dela um espaço privilegiado de esperança humana (...)».

Tornar a Europa mais real

Trata–se obviamente de um exercício de construção intelectual, sinal de uma nova fase da historiografia sobre a União Europeia, em que reaparece uma dimensão utópica, «obscurecida» após a II Guerra Mundial. A União concreta de vinte e cinco Estados e vinte línguas oficiais, forçosamente diversa e multicultural, como em outros tempos *fundadores*, foi o tema das comunicações de historiadores, sociólogos e economistas no Colóquio organizado pelo Instituto Universitário Europeu, em Florença, em Abril de 2002, *Figures d'Europe*. A actualização da reflexão sobre os mitos de origem, as heranças, as identidades, as rupturas e as continuidades, sempre no plural, parece necessária para «tornar a Europa mais real» [2] , tanto mais que a memória colectiva regista no presente uma imensa divergência em relação à construção historiográfica. A pesquisa efectuada pela Associação Europartenaires e pelas Fundações Friedrich Ebert e Jean Jaurès em seis países (França, Alemanha, Reino Unido, Itália, Espanha e Polónia), sobre «memória comum europeia», revelou em Março de 2003 a dispersão e a ausência de referências, o predomínio dos «tropismos nacionais» e uma perturbante orfandade europeísta: «Os pais da construção europeia são os

[1] Convenção Europeia, *Projecto de Tratado que estabelece uma Constituição para a Europa*, Bruxelas, 18-VII-2003, «Preâmbulo», p.3.

[2] Luisa Passerini (ed.), *Figures d'Europe. Images and Myths of Europe*, Bruxelles: Presses Interuniversitaires Européennes – Peter Lang, SA, 2003; *max.* Luisa Passerini, «Chapter 1. Dimensions of the Symbolic in the Construction of Europeanness», pp. 21-33; p. 27; Suzanne Shanahan, «Chapter 11. Currency and Community: European Identity and the Euro», pp. 159-179: «Qualquer discurso que faça da Europa o seu tema torna a Europa mais real» (p.178).

parentes pobres deste questionário, pois ficam quase ausentes das respostas, qualquer que seja o país considerado e qualquer que seja a questão posta». A actualidade e a história nacional triunfaram largamente, nas respostas abertas sobre figuras históricas europeias, sem transversalidade: Joschka Fischer e Gerhard Schröder, para os alemães; De Gaulle e Chirac, para os franceses; Blair e Churchill, para os britânicos; Aznar, para os espanhóis; Romano Prodi e Berlusconi, para os italianos; Kwaniewski e João Paulo II para os polacos[3].

A historiografia recente debruça-se assim sobre um duplo objecto – «Se o sonho europeu é pacífico e unitário, as realidades materiais são já contrastantes. Se a Europa é *Utopia*, ela é também *Realidade*»[4]. Com o *grande alargamento* concluído e um projecto de Tratado constitucional, renova-se uma «Europa dos espíritos», «uma história internacional que a crise dos anos trinta e a última guerra mundial tinham rompido durante décadas»[5], para «discernir perspectivas, interpretar correntes de opinião, movimentos políticos, teorias e doutrinas»[6] e analisar a «recomposição dos espaços e dos territórios» e a «reconfiguração das suas identidades colectivas»[7]. A novidade do objecto, que só é comparável ao ineditismo da União Europeia vivida, foi balizada, com estreita margem, por Robert Frank, que colaborou com René Girault († 1999) e dirigiu um grupo de pesquisa sobre identidade europeia, sob a égide da Comissão Europeia: «Não se deve escrever nem ensinar uma história "europeísta" da Europa. Este processo é mais um caso de descontinuidades e de ruptura com o passado durante a segunda metade do século XX, do que um caso

---

[3] Yann Laurent, «Ce que pourrait être un Panthéon des grands hommes européens», *Le Monde*, 6-III-2003. Na questão de resposta fechada, da lista de personalidades dos séculos XIX e XX considerados símbolos da identidade europeia, Churchill (22%), Marie Curie (19%) e De Gaulle (19%) foram os mais citados. Leonardo da Vinci (25%), Colombo (21%) e Lutero (19%) encabeçaram a lista de personalidades dos séculos XV a XVIII.

[4] Maria Manuela Tavares Ribeiro, «A *Matria* Europa», in *Estudos do Século XX*, 2. *Europa-Utopia / Europa-Realidade*, coord. Maria Manuela Tavares Ribeiro, Coimbra: Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX / Quarteto Editora, 2003, pp. 7-10; p.9.

[5] Antoine Fleury, «Avant-propos» [1998], in Antoine Fleury (ed.) e Lubor Jílek (collab.), *Le Plan Briand d'Union fédérale européenne. Perspectives nationales et transnationales, avec documents. Actes du colloque international tenu à Genève du 19 au 21 septembre 1991*, org. Association internationale d'histoire contemporaine de l'Europe, Institut européen de l'Université de Genève e Fondation Archives Européenes. Bern: Peter Lang, 1998, pp. IX-XVI, p. IX.

[6] Maria Manuela Tavares Ribeiro, *A Ideia de Europa. Uma perspectiva histórica*, Coimbra: Quarteto Editora, 2003, p.13.

[7] Idem, «Introdução» in Maria Manuela Tavares Ribeiro (coord.), *Europa em Mutação. Cidadania. Identidades. Diversidade Cultural. Actas do Curso Intensivo. 20 de Fevereiro a 2 de Março de 2003*, Coimbra: Quarteto Editora, 2003.

de continuidade. Ao inverso, há outra armadilha, a de um certo "negacionismo", consistindo em negar certas "dinâmicas europeias"» [8] . Este novo paradigma tem-se concretizado numa nova história das contribuições nacionais para a união europeia, não circunscrita às relações diplomáticas entre Estados, incluindo a expressão de opinião e de pensamento sistematizado, de movimentos e de personalidades que reflectiram sobre iniciativas europeístas ou sobre a Europa, em sentido mais lato e para além do mais obviamente expresso.

Prosseguindo a linha de investigação lançada por João Medina – «uma concepção universalista, generosa e convivente de Portugal e da *Portucalidade*» [9] – o Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa organizou os Colóquios *A Construção da Europa. Problemas e perspectivas* (1996) [10] e *O Federalismo Europeu. História, Política e Utopia* (2000) [11], dinamizando a reflexão sobre símbolos e identidade europeia, sobre federalismo oitocentista e republicano, sobre a Europa no pensamento de intelectuais como Oliveira Martins e António Sérgio e sobre o impacto do projecto de Briand na imprensa portuguesa. Em 2000, João Medina alargou essa linha de investigação sobre identidade e símbolos europeus, em torno de Ulisses, «um símbolo por excelência do ideal europeu, um varão representativo das qualidades do espírito europeu, um protótipo dos Europeus em geral» [12], numa demanda que vai do mito homérico e do *Êxodo*, passando pelo Velho do Restelo camoniano, e chega a Léopold Bloom, o *Ulisses* de James Joyce (1922), de cujo dia passou em 2004 o centenário (*Bloom's Day*, 16-VI-1904)... Remontando aos anos 20, Ernesto

---

[8] Robert Frank, «En guise de conclusion. Grandeur et difficultés de l'enseignement de l'histoire de l'Europe», in Michel Catala (dir.), *Histoire de la construction européenne. Cinquante ans après la déclaration Schuman. Colloque international de Nantes. 11, 12 et 13 mai 2000*, Nantes: Ouest Éditions, 2001, pp.565-567; p. 566.

[9] João Medina, «Prefácio», in João Medina (dir.), *História de Portugal dos tempos pré-históricos aos nossos dias*, 15 vols., Alfragide: Ediclube, s.d. [1998;1ª ed. 1993]. Vol. I, p.10. Vd. Idem, *Ibidem*, Vol. XIV. *Portugal democrático*, «Portugal reencontrado. Reflexões sobre Portugal após o 25 de Abril», pp. 151-174.

[10] Sérgio Campos Matos (coord.), *A Construção da Europa. Problemas e perspectivas*, [Colóquio promovido pelo IHC - FLUL, 1996], Lisboa: Edições Colibri / Instituto de História Contemporânea da FLUL, 1999.

Anteriormente, o IHC-FLUL organizara os Colóquios *A Europa: reflexões a partir da História*, Lisboa: Faculdade de Letras, 1994 e *O Fim da Segunda Guerra Mundial e os Novos Rumos da Europa* [1995], Lisboa: Edições Cosmos, 1996.

[11] Ernesto Castro Leal (coord.), *O Federalismo Europeu. História, Política e Utopia* [Colóquio promovido pelo IHC - FLUL, 2000], Lisboa: Edições Colibri / Instituto de História Contemporânea da FLUL, 2001.

[12] João Medina, *Ulisses, o Europeu*, Lisboa: Livros Horizonte, 2000, p.49; *max.* «Ulisses, o europeu», pp. 47-69.

O mesmo autor apresentou também em 2000 a síntese *Le long chemin européen du Portugal: de la dictature au régime démocratique* no Colóquio internacional de Nantes; vd. Michel Catala (dir.), *op. cit.*, pp. 321-326.

Castro Leal estudou «O federalismo republicano português – alguns aspectos (1919-1926)» [13] e António Ventura, «A Europa no pensamento republicano português oitocentista», com especial ênfase na conferência de Francisco António Correia, *Estados Unidos da Europa* (12-XII-1929) [14]. A participação portuguesa na União Federal Europeia dinamizada por Aristide Briand foi objecto de vários estudos de José Medeiros Ferreira [15], Cristina Pacheco [16] e António Cordeiro Lopes [17].

Maria Manuela Tavares Ribeiro, coordenadora do pólo português do *Master in European Sudies*, que desde 2000 junta as Universidades de Siena (sede), Coimbra, Salamanca, Granada, Estrasburgo, Swansea, Cracóvia e Atenas, tem sido responsável pela realização anual de encontros científicos, seguidos das respectivas actas, que constituem já outro apreciável corpo historiográfico. A uma primeira fase mais centrada sobre as participações de Portugal, Espanha, Itália, e sobre outros momentos relevantes da construção europeia [18], sucederam-se alargamentos, nomeadamente em relação ao papel dos intelectuais na elaboração do europeísmo contemporâneo [19] e, mais recentemente, sobre as identidades e as dinâmicas multiculturais na União, mais europeia e menos clássica e cristã. António Martins da Silva tem publicado outros estudos documentais, com destaque para os ecos na imprensa de

---

[13] Ernesto Castro Leal, *op. cit.*, pp. 119-132.

[14] António Ventura, «A Europa no pensamento republicano português oitocentista», in Sérgio Campos Matos (coord.), *op. cit.*, pp.133-142.

[15] *Adesão de Portugal às Comunidades Europeias. História e Documentos*, intr. José Medeiros Ferreira, Lisboa: Assembleia da República, 2001. O mesmo autor publicara anteriormente outras versões deste estudo: «La réponse du gouvernement portugais au Plan Briand», in Antoine Fleury (ed.) e Lubor Jílek (collab.), *Le Plan Briand d'Union fédérale européenne...*, pp. 543-548; *A Nova Era Europeia. De Genebra a Amesterdão*, Lisboa: Editorial Notícias, 1999.

[16] Cristina Pacheco, *Portugal na Sociedade das Nações: 1919-1930*; Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, Lisboa: FLUL, policopiado, 1999.

Sobre a SDN, vd. a síntese recente de Michel Marbeau, *La Société des Nations*, Paris: P.U.F., 2001, Colecção «Que sais-je?», nº 3593

[17] António Cordeiro Lopes, «A *União Federal Europeia* na imprensa portuguesa (1929-1930)», in Ernesto Castro Leal (coord.), *O Federalismo Europeu. História, Política e Utopia*, ... pp.133-152.

[18] Maria Manuela Tavares Ribeiro (coord.), *Olhares sobre a Europa. Actas do Seminário Internacional. 18 de Abril de 2001*, Coimbra: Quarteto Editora, 2002; Maria Manuela Tavares Ribeiro, A. M. Barbosa de Melo e Manuel C. Lopes Porto (coord.), *Portugal e a Construção Europeia* [2001; textos actualizados, 2003], Coimbra: Livraria Almedina, 2003.

[19] Maria Manuela Tavares Ribeiro, *A Ideia de Europa. Uma perspectiva histórica*, Coimbra: Quarteto Editora, 2003; Idem, *Europa em Mutação. Cidadania. Identidades. Diversidade Cultural. Actas do Curso Intensivo. 20 de Fevereiro a 2 de Março de 2003*, Coimbra: Quarteto Editora, 2003.

grande circulação[20], que confirmam a hipótese global de um franco envolvimento português na OECE e na NATO.

Sérgio Campos Matos debateu o universalismo e o europeísmo cultural e civilizacional em António Sérgio[21], mais fundo que a fraca adesão às formas de união propostas pela comunidade internacional. João Medina[22] e Norberto Ferreira da Cunha analisaram as relações ideológicas, filosóficas e políticas entre Salazarismo e várias ideias de Europa no seio do regime, que neste tema, como noutros, não funcionou de modo tão monolítico como a leitura simples dos discursos de Salazar poderia deixar entrever[23]. Portugal, convidado, observador ou participante, esteve diplomaticamente muito activo em negociações significativas, como as que conduziram à fundação do Conselho da Europa, ou à assinatura das convenções aduaneiras predecessoras da CECA.

É possível detectar nesta mais recente historiografia portuguesa sobre o europeísmo algumas características, que simultaneamente a datam e a distinguem do ponto de vista metodológico. Os avanços da União Europeia, especialmente após o Tratado de Amesterdão, a entrada em circulação plena do euro e a concretização progressiva e segura das expectativas sobre o alargamento para a Europa central, oriental e balcânica, trouxeram para o primeiro plano da actualidade um conjunto de Estados de dimensão média, com problemas de desenvolvimento industrial, de pobreza e de emigração, tão periféricos e ausentes das *Comunidades* anteriores como Portugal. A par de alguma angústia resultante da provável divisão dos fundos comunitários por um número maior de beneficiários, esta situação trouxe também a partilha alargada de uma constatação: a diluição de qualquer sombra de um «orgulhosamente sós» neo-salazarista, ou do síndroma de «bom aluno», nas dificuldades em acompanhar os indicadores médios de desenvolvimento europeu e na urgência de integrar a variedade cultural – espacial, climática,

---

20 Uma versão panorâmica é dada em António Martins da Silva, *Portugal entre a Europa e Além-Mar. Do Plano Briand na SDN (1929) ao Acordo Comercial com a CEE (1973)*, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2000.

Vd. os artigos do mesmo autor na *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, IHES-FLUC (1997-1998, 1999, 2000), na *Revista de História das Ideias*, Coimbra, IHTI-FLUC (2001) e na *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura – FLUC (2001, 2002).

21 Sérgio Campos Matos, «António Sérgio, europeísta?», in Sérgio Campos Matos (coord.), *op. cit.*, pp. 143-162.

22 João Medina, *Salazar, Hitler e Franco. Estudos sobre Salazar e a Ditadura*, Lisboa: Livros Horizonte, 2000; *max.* «O nacionalismo salazarista: autoritarismo *versus* fascismo», pp. 90-133 e «Terceira Parte. Salazar e Hitler», pp. 247-263.

23 Norberto Ferreira da Cunha, «O Salazarismo e a ideia de Europa», in Ernesto Castro Leal (coord.), *op. cit.*, pp. 153-179.

linguística, religiosa, cívica, literária, em suma, cultural... – como um enriquecimento global, em vez de um irritante inconveniente.

Parece cada vez mais difícil de sustentar a tese da inclusão na AECL/EFTA como algo de repentino, de inédito na política externa portuguesa, conseguida por uma vanguarda de europeístas pontualmente desalinhada do regime, actuando quase à revelia ou supostamente contra a convicção profunda de Salazar, embora essa versão talvez romanceada continue a fazer o seu caminho... Está em aberto um novo campo de investigação, não limitado ao ocidente ou ao período pós-1945, não refém do discurso do Estado Novo na construção da problemática, não apenas descritivo das fontes diplomáticas, capaz de proceder à verificação crítica da lenda salazarista da *não-intervenção*, absolutamente falsa quanto à Guerra de Espanha ou à II Guerra Mundial, e também muito redutora quanto à integração europeia de Portugal. Será seguramente aliciante a abordagem detalhada, por exemplo, da situação dos anos 20-30, quando Portugal e outros vinte e seis Estados europeus constituíam o núcleo essencial da Sociedade das Nações.

as imagens santas dos pais fundadores

A reapreciação do projecto de Briand no âmbito da Sociedade das Nações foi objecto de um Colóquio internacional em Genebra, coordenado por Antoine Fleury, em que foram sistematizadas comunicações sobre o modo como os Estados e a opinião pública intervieram na gestação da União Federal Europeia [24]. Para além dessa investigação inicial com base nos arquivos nacionais, outros problemas foram levantados sobre o percurso político de Briand, ainda sem resposta cabal: a alteração da prioridade económica (1929) para a prioridade da união política (1930), aparentemente em sentido contrário ao que as reservas levantadas recomendariam [25]; o insucesso de uma relação bilateral privilegiada com os EUA, parcialmente diluído no êxito do Pacto Briand-Kellog (1928), mas eventualmente ainda marcante numa reacção «eurocêntrica» do governo francês [26].

---

[24] Antoine Fleury (ed.) e Lubor Jílek (collab.), *Le Plan Briand d'Union fédérale européenne. Perspectives nationales et transnationales, avec documents. Actes du colloque international tenu à Genève du 19 au 21 septembre 1991*, org. Association internationale d'histoire contemporaine de l'Europe, Institut européen de l'Université de Genève e Fondation Archives Européenes. Bern: Peter Lang, 1998.

[25] Antoine Fleury, «Avant-propos», in Antoine Fleury (ed.) e Lubor Jílek (collab.), *op. cit.*, pp. XV e ss.

[26] Jacques Bariéty, «Aristide Briand: les raisons d'un oubli», in Antoine Fleury (ed.) e Lubor Jílek (collab.), *op. cit.*, pp.1-13; *max.* pp. 5-11.

A longa carreira política e a quase permanente presença na ribalta propiciaram a ocorrência de inúmeros pequenos *casos* de Aristide Briand, desde uma incompatibilidade quase fisiológica com o *Tigre* Clemenceau, aos lapsos informativos e culturais, que se tornaram mesmo numa das suas imagens de marca, a par de uma competência oratória e mediática incomum. A entrevista comentada de Jacques Mortane (1928), a biografia feita pelo escritor e correligionário Victor Margueritte (1932), e o monumental panegírico produzido por Georges Suarez (1938-1941 e 1952)[27], estabeleceram a memória imediata que serviu de base a um culto cívico e toponímico generalizado. Georges Suarez, jornalista bem relacionado com as elites republicanas, pôde utilizar papéis pessoais e documentos oficiais franceses cedidos por Briand, antes de percorrido o prazo legal para a sua desclassificação, o que valorizou a obra, mas esse êxito foi totalmente anulado pelo colaboracionismo de Suarez com o invasor alemão, o que levou ao seu fuzilamento pela Resistência em 8-XI-1944.

Nos anos quarenta, a memória de Briand entrou na penumbra, da qual está a ser progressivamente recuperada. Para essa «ocultação», Jacques Bariéty avançou duas razões de peso, ambas relacionadas com a II Guerra Mundial: o discurso pacifista e a aproximação com a Alemanha, que valeram o Prémio Nobel da Paz atribuído em 1926, tornaram-se muito inconvenientes quando associados à derrota relâmpago de 1940; os sucessores e os biógrafos mais próximos de Briand resvalaram para o colaboracionismo com o nazismo, tornando maldita uma herança, que anos antes suscitava razoável entusiasmo, e que passou a fazer parte do volumoso lote de esquecimentos voluntários na história contemporânea[28].

Num estimulante estudo publicado em 2003, densamente fundamentado, sobre o modo como vários intelectuais franceses derivaram para o apoio ao projecto nazi de *Europa Nova*, Bernard Bruneteau[29] analisou precisamente essa deriva. Dificilmente se poderá atribuir exclusivamente à ausência de ética, ao oportunismo ou ao carreirismo cobarde, essa convergência de intelectuais e políticos *briandistas*, como Pierre Laval, Gaston Riou, Jean Luchaire, Bertrand de Jouvenel, Drieu La Rochelle, e muitos outros, seduzidos por um pseudo-europeísmo que se revelaria uma trágica *ilusão*, num século que conheceu

---

27 Jacques Mortane, *Sous les tilleuls. La nouvelle Allemagne*, Paris: Baudinière, 1928; Victor Margueritte, *Aristide Briand*, Paris: Flammarion, 1932; Georges Suarez, *Briand, sa vie, son oeuvre, avec son journal et de nombreux documents*, 6 vols., Paris : Plon, 1938-1941 ; 1952.

28 Jacques Bariéty, *op. cit.*, pp.2-4.

29 Bernard Bruneteau, *"L'Europe nouvelle de Hitler. Une illusion des intelectuels de la France de Vichy*, Mónaco: Éditions du Rocher, 2003.

outras *ilusões* igualmente brutais... Um entendimento da história, como sucessão de etapas conduzindo ao final destinado – a união europeia –, é apontado por Bernard Bruneteau como um dos mecanismos culturais mais influentes nessa convergência, a par da busca de um modo de tornar concebível uma derrota humilhante, não inexplicável nem inimaginável, mas realmente inaceitável. Daí teria resultado a prevalência abstracta, absoluta, de qualquer forma de federação da Europa sobre os projectos políticos nacionais ou os valores que opunham o totalitarismo à democracia humanista: «a ideologia europeísta é, com efeito, no seu próprio funcionamento, própria para diluir os acontecimentos, os meios, as alianças, na longa duração duma "construção", assemelhando-se a uma forma de fatalismo histórico.» [30].

Essa visão teleológica mítica, em que cada momento antecipa, à sua maneira, o final prodigioso, deixa também a sua marca na simplificação da «lenda rosa» das «imagens santas dos pais fundadores» [31], que teriam estabelecido uma ponte limpa e directa, democrática e progressista, entre os europeístas dos anos 20-30 e as Comunidades do pós-II Guerra. A biografia de Briand por Achille Elisha (1965) foi reeditada em 2003 [32], juntando ao valioso anexo documental original uma síntese de continuidade, que não se perdeu até à revisão dos Tratados da União!

Gérard Bossuat criticou uma outra «lenda épica», em torno de Jean Monnet, «*super star* da consciência europeia», recordando que o seu conceito instrumental de mercado comum, e os projectos de defesa e união política no quadro da CECA, fracassaram no curto prazo, o que pode ter levado à sua não recondução na Alta Autoridade. O êxito estrondoso das Comunidades acabaria por suceder desmentindo a expectativa inicial pessimista, mas momentaneamente realista nesta matéria, por parte de Jean Monnet! Gérard Bossuat garantiu ainda que o pensamento atribuído a Monnet, de que teria recomeçado tudo pela cultura, é no mínimo inexacto: «Ele nunca disse tal coisa. Em contrapartida lamentou não ter trabalhado mais na Europa da educação» [33]. Danielle Pasquinucci tem analisado a influência de Altiero Spinelli, do manifesto *Per*

---

30 Idem, *Ibidem*, p. 334.

31 Idem, *Ibidem*, pp. 9 e ss.

32 Achille Elisha, *Aristide Briand, la paix mondiale et l'union européene*, édition révisée, Groslay: Éditions Ivoire-Claire, 2003. O tom geral é contudo bastante mais moderado que o das biografias clássicas de Briand, «o pactómano pacifista e democrata» (p.27).

33 Gérard Bossuat, «Jean Monnet ou l'anti-utopie», in *Estudos do Século XX*, 2. *Europa-Utopia / Europa-Realidade*, coord. Maria Manuela Tavares Ribeiro, pp. 83-107; p. 107. Vd. a recente edição: Jean Monnet, *Memórias*, Lisboa: Ulisseia, 2004; (1ª edição portuguesa).

un'Europa libera e unita da Resistência italiana (1941), ao projecto de tratado da união apresentado no Parlamento Europeu em 1984[34], descortinando uma linha de federalismo da área socialista europeia, mas Bernard Bruneteau questiona também essa continuidade, acentuando que para a maioria das resistências se tratou de um «combate *nacional*», quase de fronteiras, contra o ocupante estrangeiro[35].

O avanço da historiografia pelos novos objectos e novos documentos da Europa contemporânea revela numerosos traços de continuidade, de inserção na longa duração, que estão a ser recentrados, sem renegar os seus mitos de origem e a sua herança, à medida que a União também se alarga: no passado – não muito longínquo – houve mais *polis* além de Atenas, mais Roma, para além do Império do Ocidente, e mais Cristandade para além das marcas carolíngias... O panteão católico dos *padroeiros* da Europa sofreu igual transformação: S. Bento reparte hoje essa espinhosa intercessão com S. Cirilo e S. Metódio (conversores dos eslavos), Sª Catarina de Sena, Sª Brígida (da Suécia) e Sª Teresa Benedita da Cruz (a judia Edith Stein, na vida civil). Um segundo tempo historiográfico, o da reavaliação mais rigorosa dessa longa evolução e dos percursos dos vários fundadores, torna clara a existência também de rupturas, de contradições e de desacerto de previsões, como seria sempre provável encontrar em conjunturas históricas tão diferentes.

O campo da construção de uma identidade europeia é exemplar deste duplo desenvolvimento. O Dia da Europa 2004 teve como tema *Unida na diversidade*, escolha – e advertência – tão acertada quanto necessária, já que desde o início de Maio dez novos Estados integram a União e os seus 162 deputados assumem a plenitude de funções no Parlamento Europeu. Não sendo, hoje notoriamente, um «clube de ricos», a questão estará em saber se a União é um «clube», e que identidade a mantém coesa e distinta. Admitir pôr em causa a suficiência descritiva e o conforto da matriz judaica, clássica, cristã, humanista e iluminista, constituiu um primeiro passo. O Rapto de Europa é hoje um elemento figurativo de consumo generalizado, na face grega das moedas de 2 €, mas é significativo que apenas nessa moeda surja esse motivo simbólico[36]. Na realidade, este nunca foi um mito integrante da cultura popular europeia, onde outras figurações de touros ou de princesas

---

[34] Vd., entre outras publicações da mesma autora, Danielle Pasquinucci, «Altiero Spinelli et l'union politique de l'Europe», in Michel Catala (dir.), *Histoire de la construction européenne. Cinquante ans après la déclaration Schuman...*, pp. 133-142.

[35] Bernard Bruneteau, *op. cit.*, p. 332.

[36] Vd. Jacques-René Rabier, «Chapitre 4. Tradition et résurgences d'un mythe: le ravissement d'Europe», in Luisa Passerini (ed.), *Figures d'Europe. Images and Myths of Europe...*, pp. 65-76: as notas de 5 marcos (1948-1966) e a moeda cipriota de 50 cêntimos (1991) usaram também o tema do Rapto de Europa.

têm lugar, nem pode ser datado com precisão no tempo, ou no espaço: «Europa é um conceito político e cultural, inventado e experimentado por uma elite intelectual» [37]. Como é próprio de toda a realidade mítica, não poderia sobreviver a uma delimitação precisa, pelo que os estudos sobre a identidade têm como objecto não a sua veracidade factológica, mas os seus impactos culturais, as representações mentais que traduziram a transmissão milenar dos mitos de origem, ou seja, mais uma proposta sobre o que poderá ser a Europa, do que uma memória do que terá sido. João Medina demonstrou a persistência e sobretudo o imenso potencial de Ulisses na cultura portuguesa e europeia, muito para além do sentido estrito dos seus limites cartográficos ou narrativos: «homem da eloquência, da razão, da tolerância convivente entre etnias e povos (...) do diálogo, da cultura viva partilhada, de harmonia entre todos os homens, em suma, de uma Europa realmente *democrática e livre*» [38]. Essa dimensão integradora da simbólica europeia, nas suas variadas formas, foi também estudada por João Medina, com realce para o hino, a moeda e a bandeira, «tripé da União Europeia (...) a única Utopia não sangrenta da História do mundo» [39], uma simbólica palpável com a circulação do euro: «No euro lateja, portanto, um coração federalista, mesmo que disso não estejamos plenamente conscientes ou não meçamos exactamente o alcance desse prodigioso salto em frente no campo das formas de Polis e de História vindoura» [40]. A mesma problemática das raízes, dos protagonistas e das concretizações de uma identidade europeia, no quotidiano quase banal, mas também na espessura do tempo longo da cultura, está a ser desenvolvida por João Medina na coordenação científica do I Mestrado em História e Cultura Europeia Contemporâneas, a decorrer na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa desde 2003. Em torno do tema «Da Europa e do espírito europeu. Figuras, emblemas e mitos», são propostas linhas de pesquisa que se alargam do mito inicial do Rapto de Europa, aos «grandes heróis do imaginário cultural europeu» – Ulisses e D. Quixote –, passando por Voltaire, Goethe, Victor Hugo, Nietzsche, Max Weber, Ortega y Gasset, Thomas Mann, Salvador de Madariaga, Denis de Rougemont – um

---

37 Peter Rietbergen, *Europe. A Cultural History*, London / New York: Routledge, 1998, p.XVII.

38 João Medina, *Ulisses, o Europeu*, 2000, p.11.

39 João Medina, «Símbolos europeus. Breve inventário da simbologia da União Europeia», in Sérgio Campos Matos (coord.), *A Construção da Europa. Problemas e perspectivas* ... pp.11-28; p.15.

40 João Medina, «O euro, moeda federal e dessacralizada», in Ernesto Castro Leal (coord.), *O Federalismo Europeu. História, Política e Utopia*, ... pp. 11-19; p.11.

outro conjunto de heróis, na dimensão mais profunda e duradoura da Europa da cultura –, incluindo também *fundadores* e executivos, como Jean Monnet, Jacques Delors ou Vaclav Havel[41].

Harmut Kaelble propôs uma metodologia para uma aproximação específica do presente, diferente dos nacionalismos e das nacionalidades oitocentistas, ou seja, não mensurável pelos mesmos critérios: «A identidade europeia é um produto da segunda metade do século XX, quando a identificação com amplas entidades sociais, como nações, igrejas e profissões enfraqueceu substancialmente»[42]. Anne-Marie Thiesse reflectiu sobre os processos de construção dessas identidades oitocentistas, que ressurgem hoje como reflexos de um «refúgio» seguro em momentos de maior turbulência, mas que tiveram também um *começo* longo e incerto: «Não há nada de mais internacional que a formação das identidades nacionais (...) A nação nasce de um postulado e de uma invenção. Mas só se mantém viva com a adesão colectiva a essa ficção»[43]. A comparação deixa pois de ser desanimadora e angustiante, sobre uma não existência presente, e torna-se um desafio de futuro: «a nação foi elaborada em ligação com duas ideias então novas na Europa, a felicidade e a democracia. Ora estas ideias não são obsoletas.»[44].

Os novos estudos sobre identidade, não fechados na postura de verificação genética ou de teste de paternidade, abarcam, com rigor historiográfico e relevância cultural e social, a diversidade da herança e do presente, que prefere os problemas dessa pluralidade aos riscos da imposição, que só poderia ser totalitária, de uma padronização conceptual. A União «não pode ser uma "eurocultura", mas é, ou deve ser, uma comunidade de culturas»[45], provavelmente nunca chegando a tornar-se homogénea, desalinhada e instabilizada pela circu-

---

[41] «Da Europa e do espírito europeu. Figuras, emblemas e mitos: uma breve antologia da ideia e da cultura europeias»; organização da antologia, recolha iconográfica, comentários, notas e traduções de João Medina; in *Mestrado em História e Cultura Europeia Contemporâneas. 2003/2005*, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2003, pp. 19-91.

[42] Harmut Kaelble, «Chapter 3. European Symbols, 1945-2000: concept, meaning and historical change», in Luisa Passerini (ed.), *op. cit.*, pp. 47-61; p. 54.; «os símbolos europeus tornaram-se simplesmente símbolos políticos mais "normais"» (p.60).

[43] Anne-Marie Thiesse, *A Criação das Identidades Nacionais. Europa-séculos XVIII-XX*, Lisboa: Temas e Debates, 2000, pp. 15, 18 (ed. original francesa, 1999).

[44] Idem, *Ibidem*, p. 280.

[45] Maria Manuela Tavares Ribeiro, «A Europa da unidade e da diversidade culturais», in Maria Manuela Tavares Ribeiro (coord.), *Europa em Mutação. Cidadania, identidades. Diversidade Cultural. Actas do Curso Intensivo 20 de Fevereiro a 2 de Março de 2003*, Coimbra: Quarteto Editora, 2003, pp. 311-323; p. 313.

lação de pessoas e bens, mas com uma chave mestra: «cada um sabe bem que é graças às suas constituições políticas que nascem os povos. A democracia é ela própria uma forma de integração política fundada sobre o direito» [46].

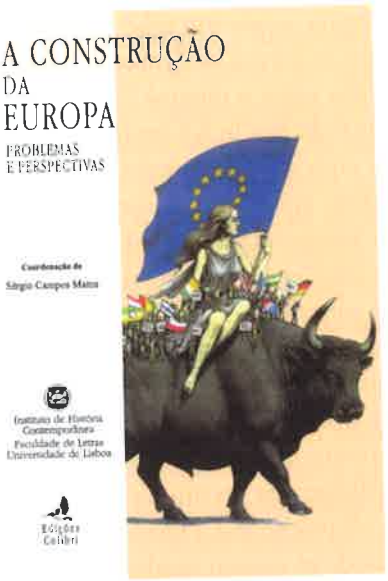
A fantástica aceleração da União desde o final do século XX levantou ainda uma nova problemática, que se pode relacionar com igual aceleração da produção e da circulação de informação historiográfica: em vários vectores, a realidade ultrapassou o que até há muito pouco tempo eram sonhos ou meras intenções felizes. Parece assim faltar um dado essencial aos historiadores, um dos seus dados mais queridos, o tempo, quer se considere o tempo de invenção, concretização e desenvolvimento do processo que se toma por objecto, quer se considere o tempo de maturação intelectual que permita a elaboração sobre o real. Não só se verifica, como esperado, que a União não é acabada, como se descobre que afinal outras modalidades de comunidade no passado também não se podem considerar hermeticamente acondicionadas ou mumificadas.

Um outro *fundador* não cessa de nos incitar: «É preciso que a história deixe de vos aparecer como uma necrópole adormecida, onde só passam sombras despojadas de substância. É preciso que, no velho palácio silencioso onde ela dorme, vocês penetrem animados da luta, todos cobertos da poeira do combate, do sangue coagulado do monstro vencido – e que, abrindo as janelas de par em par, avivando as luzes e restabelecendo o barulho, despertem com a vossa própria vida, com a vossa vida quente e jovem, a vida gelada da Princesa adormecida...» [47].

---

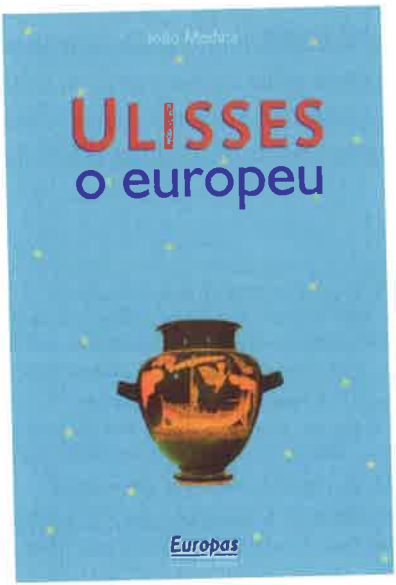
[46] Jurgen Habermas, «L'État-nation européen sous la pression de la mondialisation», in Jurgen Habermas, *Après l'État-nation. Une nouvelle constellation politique*, Paris: Fayard, 2000, pp. 125-149; p.147. (pub. original alemã, 1999).

[47] Lucien Febvre, «Viver a história», comunicação aos alunos da École Normal Supérieure na abertura do ano lectivo 1941-1942, in Lucien Febvre, *Combates pela História*, 2ª ed., Lisboa: Editorial Presença, 1985, pp.28-41; p.40 (ed. original francesa reunida em 1952).



Actas do Colóquio organizado pelo Instituto de História Contemporânea – FLUL, em 9 e 10-V-1996.

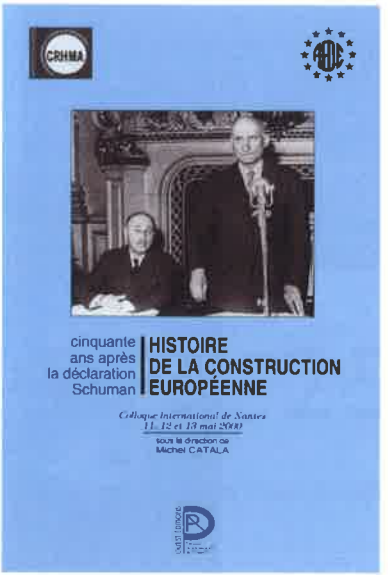
Actas do Colóquio organizado pelo Instituto de História Contemporânea – FLUL, em 18 e 19-V-2000.



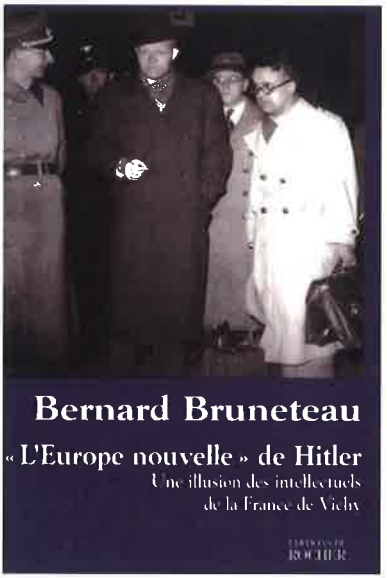
Um «protótipo dos Europeus em geral».

«"Deus, Pátria, Família": ideologia e mentalidade do salazarismo».

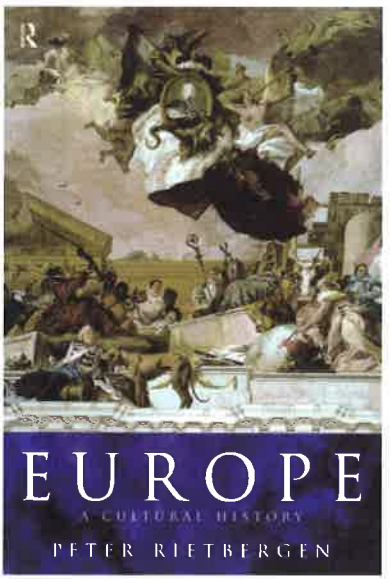
«Da Europa e do espírito europeu». O I Mestrado em História e Cultura Europeia Contemporâneas, coordenado por João Medina.



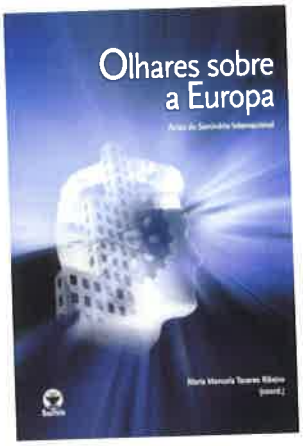
Actas do Colóquio internacional de Nantes, 11 a 13-V-2000.



«Sobre a tábua rasa de 1940, voluntariamente considerada como um "fim da história"».



Uma história estimulante, centrada nos «valores que a cultura europeia mais tem estimado».

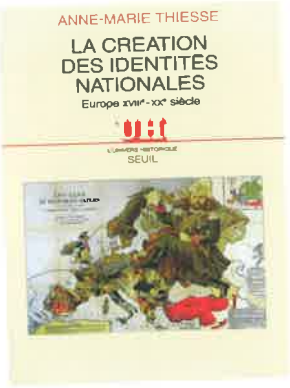


Actas do Seminário Internacional, Coimbra, 18-IV-2001.

Actas do Curso Intensivo, Coimbra, 26-II a 7-III-2002.

«perspectivas (...) correntes de opinião, movimentos políticos, teorias e doutrinas».

Actas do Curso Intensivo, Coimbra, 20-II a 2-III-2003.



«A nação nasce de um postulado e de uma invenção».